

## Mente Aberta

### LIVROS

# O perigo de se apaixonar

José Castello

**AS FRONTEIRAS** entre a violência e a paixão costumam ser frágeis, quase invisíveis. Essa zona cinzenta, em que o humano se agiganta, é o cenário de **FIM DE VERÃO** (Rocco, 222 páginas, R\$ 32,50, tradução de Caroline Chang), novo romance da americana Joyce Maynard, de 56 anos. Com a leveza de um thriller hollywoodiano e a graça de uma novela sentimental, Joyce enfrenta um dos mais difíceis desafios da existência: a escolha, sempre delicada, entre o bem e o mal.

*Fim de verão* é a história de Adele, uma mulher separada que, ainda ferida pelo abandono, passa seus dias ao lado do filho pré-adolescente, Harry. Os dois levam uma vida rotineira e banal, como a de milhões de americanos. A separação, porém, esgarçou a sensibilidade de Adele. Comenta Harry: "Não era possível prever como minha mãe reagiria às coisas".

A história que os aguarda naquele fim de verão de 1987 confirma a tese do rapaz. Em um mercado, mãe e filho conhecem um fugitivo da polícia, Frank, que se apresenta como trabalhador ferido. Detento de uma penitenciária em Stinchfield, condenado pelo assassinato da mulher, ele fora levado às pressas a um hospital para uma cirurgia de apêndice. Os médicos se distraem, e ele foge. Convince os dois de que precisa de ajuda. Eles o levam para casa.

Narrado pelo menino – que, aos 13 anos, só pensa em garotas –, o livro relata o estranho envolvimento da família com o fugitivo. Ainda acreditando que ele é só um homem ferido, Adele cuida de sua perna, que não para de sangrar. Mas a verdadeira identidade de Frank logo se revela. Sua imagem aparece na TV e nos jornais, a polícia o procura. Frank tenta acalmá-los. "Há mais coisas nessa história do que você vai ler nesse jornal aqui", diz ao menino. Mãe e filho logo entendem que, em vez de cidadãos caridosos, viraram reféns.

No início, Frank ainda sustenta o roteiro do assassino que, de fato,



**SEMELHANÇAS**  
A autora Joyce Maynard foi rejeitada como Adele, personagem de seu novo romance



é. Amarra Adele, mas, em um inesperado gesto de gentileza, a cordas, prefere peças de sua lingerie. Ainda pede que a mulher escolha a cadeira em que deseja ser presa. Contrariando seu medo, Adele logo se envolve com o algoz – descoberta que Harry faz aos poucos, quando passa a ouvir estranhos ruídos noturnos emitidos do quarto da mãe. Já não se sabe quem é o verdadeiro prisioneiro: se Adele, de um assassino, ou Frank, de uma paixão inesperada.

Aos poucos, Frank adota a posição de substituto do pai – que se apaixonou por uma mulher mais jovem, Marjorie, e abandonou a família. Certa manhã, um vizinho bate à porta para lhes trazer uma cesta de pêssegos. Como um pai amoroso, Frank se apressa em assar uma torta de frutas. Logo estará no jardim, cuidando das plantas e jogando bola com o menino. Não é um verão qualquer para Harry, os primeiros sinais da

puberdade se intensificam. Sua metamorfose sintetiza o drama da família. Não é mais uma criança, mas não chega a ser um rapaz. Sua voz oscila em uma zona intermediária, que vai do grave masculino ao agudo infantil. A mesma imprevisibilidade vigora na relação com Frank. Ao tratar de sua ferida – a cicatriz aberta da cirurgia –, também Adele não sabe se cuida de um grande amor ou de um perigoso carrasco.

Joyce Maynard viveu, ela também, uma paixão súbita. Aos 18 anos de idade, envolveu-se com o escritor J.D. Salinger (1919-2010), 35 anos mais velho. O que parecia um encontro fadado ao fracasso se transformou em um grande amor. Como Adele, também Joyce foi abandonada bruscamente por Salinger, o que a levou a compreender que, assim como nunca se sabe quando uma paixão pode surgir, também nunca se sabe quando ela vai terminar.